

FICHA TÉCNICA

Título original: *Gregor and The Code of Claw*

Autora: *Suzanne Collins*

Copyright © 2007 by Suzanne Collins

Todos os direitos reservados

Edição original publicada por Scholastic Inc., 557 Broadway, New York, NY 10012, USA

Edição portuguesa publicada por acordo com Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona — www.uklitag.com

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Jaime Araújo*

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*

Ilustração da capa: *Marco Mantovani (Morcego Voador)*

Ilustração da capa © 2016 Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milano

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, agosto, 2017

Depósito legal n.º 428 842/17

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CAPÍTULO

1

Gregor sentia as costas a colarem-se ao chão de pedra frio enquanto olhava para as palavras no teto. Tinha ainda os olhos e a pele a arderem por causa da cinza vulcânica que o envolvera horas antes. Com o ardor nos pulmões e o batimento rápido do coração, era difícil respirar plenamente. Para se acalmar, apertou com mais força o punho da sua nova espada.

Logo depois de ter ido buscar a espada ao museu, correra para aquela sala. Cada milímetro da mesma — paredes, chão e teto — estava coberto de profecias sobre a Subterra, aquele mundo sombrio e belicoso debaixo de Nova Iorque que consumira a vida de Gregor durante o último ano. Bartholomew of Sandwich, o homem que fundara a cidade humana de Regalia, gravara as profecias cerca de quatro séculos antes. Embora a maioria das suas palavras se dirigisse aos regalianos, fazia também referência a muitas das criaturas gigantes que habitavam as zonas circundantes ali em baixo — morcegos, baratas, aranhas, ratinhos e, sobretudo, ratos. Ah, e Gregor. Muitas eram sobre Gregor, mas não o chamavam pelo nome. Nas profecias, era conhecido por «guerreiro».

Gregor não deixara ninguém entrar na sala consigo. Queria estar completamente sozinho quando lesse aquela profecia pela primeira vez. Nos últimos meses, toda a gente se esforçara tanto por lhe esconder o conteúdo da profecia que percebera que a mesma devia dizer algo horrível. Queria poder reagir ao horror sem que ninguém o visse. Queria poder chorar, se precisasse de chorar. Gritar, se precisasse de gritar. Porém, isso acabou por não ter importância, porque mal reagiu.

«Tens de enfrentar isto. Tens de o compreender», disse para consigo. Então obrigou-se a concentrar-se novamente nas letras talhadas com precisão.

Quando voltou a ler as palavras, foi como se conseguisse ouvir um relógio marcando o tempo com os versos. Afinal, era «A Profecia do Tempo».

Tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque, tiquetaque...

A GUERRA FOI DECLARADA,
ENREDADA A FORÇA ALIADA.
É AGORA OU NUNCA VOSSO DEVER,
DECIFRAR O CÓDIGO OU MORRER.

O TEMPO ESTÁ A ACABAR
A ACABAR
A ACABAR.

AO GUERREIRO DAI A MINHA ESPADA.
POR ELE A SORTE SERÁ TRAÇADA.
NÃO VOS ESQUECEIS DO TIQUETAQUE

NEM DO CLIQUE, CLIQUE, CLAQUE.
A LÍNGUA DO RATO LANÇA O ATAQUE,
MAS AS PATAS PLANEIAM O SAQUE.
POIS A PATA E NÃO A BOCARRA
PRODUZ O CÓDIGO DA GARRA.

O TEMPO ESTÁ A PARAR
A PARAR
A PARAR.

COMO A PRINCESA É A SOLUÇÃO
PARA DESVENDAR A TRAIÇÃO,
NÃO PODE EVITAR COMBINAR
NEM OS RISCOS, RISCOS, A RISCAR.
QUANDO ELES COMEÇAREM A TRAMAR,
COM OS NOMES A QUERERÃO ENGANAR.
MAS O QUE ELA VIU ESBARRA
COM O CÓDIGO DA GARRA.

O TEMPO ESTÁ A VOLTAR
A VOLTAR
A VOLTAR.

QUANDO O SANGUE DO MONSTRO CORRER,
QUANDO O GUERREIRO ESTIVER A MORRER,
NÃO DEVEIS IGNORAR O RASPAR
NEM O TOQUE, TOQUE, A TOCAR.
SE O ROEDOR A DORMIR VOS APANHAR,
ENQUANTO A SUA LEI ESTIVER A LAVRAR,
MORREREIS NA AMARRA
DO CÓDIGO DA GARRA.

O tiquetaque parou com as palavras.

Gregor fechou os olhos enquanto aquele único verso lhe martelava no cérebro:

QUANDO O GUERREIRO ESTIVER A MORRER

Era isso, obviamente. A parte que ninguém quisera revelar-lhe.

QUANDO O GUERREIRO ESTIVER A MORRER

Nem sequer Ripred — e seria de esperar que o rato estivesse habituado a comunicar más notícias, depois de tantos anos a combater em guerras.

QUANDO O GUERREIRO ESTIVER A MORRER

Nem sequer Luxa — que tinha apenas doze anos mas parecia muito mais velha, porque era rainha e perdera os pais e tudo o mais. Que lhe dissera ela à beira daquele penhasco apenas horas antes? «Se regressares a casa depois de leres a profecia, não o levarei a mal.»

«A sério, Luxa?», pensou Gregor. «Não o levarás a mal? Porque se fosse ao contrário... Nunca te perdoaria, nem daqui a um milhão de anos.»

QUANDO O GUERREIRO ESTIVER A MORRER

Em teoria, claro, Gregor ainda podia voltar para casa. Podia ir buscar Boots, a irmã de três anos, tirar a mãe do hospital, onde ela estava a recuperar da peste, e pedir a Ares, o seu morcego, para os levar para a lavandaria

do prédio onde moravam em Nova Iorque. Ares, o seu vínculo, que lhe salvara a vida tantas vezes e que só conheceu o sofrimento desde que conheceu Gregor! Tentou imaginar a despedida. «Bem, Ares, foi muito bom, mas agora vou para casa. Sei que ao partir estou a condenar ao extermínio todos os que me ajudaram aqui em baixo, mas realmente já não estou com disposição para guerras. Portanto, altos voos, percebes?»

Como se isso alguma vez fosse acontecer.

QUANDO O GUERREIRO ESTIVER A MORRER

Não parecia real. Nada daquilo. Talvez porque Gregor estivesse tão cansado. Não dormia havia dias; desde antes de ver os ratos a assassinares centenas de ratinhos num fosso na base de um vulcão nas Terras de Fogo. Perdera a consciência durante algum tempo, por causa dos gases venenosos que o vulcão expelira quando entrou em erupção. Isso contava como sono? Talvez. No entanto, pouco depois recuperara os sentidos e arrastara-se por uma profunda camada de cinza à procura dos amigos. Antes mesmo de poder gozar a alegria de os encontrar, descobrira que Thalia, o pequeno e divertido morcego-fêmea que fora arrastado por engano para aquela malfadada viagem, morrera sufocada ao tentar fugir do vulcão. Hazard, o primo de Luxa, de sete anos, que tencionara vincular-se a Thalia, ficara tão abalado que tiveram de o sedar. Depois, quando por fim encontraram um zona de ar limpo num rochedo sobranceiro à selva, Gregor oferecera-se para ficar de vigia enquanto os outros descansavam. No voo de regresso a Regalia, amontoado nas costas de Ares com Boots, Hazard, a barata Temp

e Cartesian, um ratinho fortemente sedado, não conseguira dormir. Naquele momento, na sala das profecias, sentia-se entorpecido...

QUANDO O GUERREIRO ESTIVER A MORRER

... e incapaz de formar uma reação emocional concreta à profecia. «Que se passa comigo?», pensou Gregor. «Não devia estar a passar-me?» Devia, claro que devia. Só que depois de tudo o que acontecera, já não conseguia. «Reagirei mais tarde, imagino. Talvez daqui a uns dias. Se durar até lá...»

Apesar de a profecia ser terrível, Gregor achava que a mesma podia ter sido ainda pior. A parte boa era que Boots e a mãe poderiam sair da Subterra com vida. Parecia que Boots, apelidada «princesa» pelas baratas gigantes, teria um papel importante a desempenhar no deciframento do tal Código da Garra. Mas a profecia não vaticinava a morte de mais ninguém.

Espera, vaticinava, sim.

QUANDO O SANGUE DO MONSTRO CORRER

Depois do que vira nos dias anteriores, Gregor não conseguia imaginar outro monstro senão o Bane. O rato branco bebé, cuja vida Gregor poupou, crescera para se tornar um líder gigante e cruel, consumido pelo ódio e algo demente. A vida deformara e atormentara aquele frágil filhote de rato, transformando-o num monstro. Já nada podia ajudar o Bane. Ele dera a ordem para exterminar os ratinhos e ninguém sabia o que poderia fazer a seguir. Tinha de ser travado. Na Sobreterra,

poderia ser condenado a prisão perpétua ou coisa parecida, mas isso não era uma opção na Subterra. Ali em baixo, teria de ser morto.

«Então devia começar. Comer qualquer coisa, pelo menos», pensou Gregor. Em breve, um exército de ratos estaria às portas da cidade. Ares sobrevoara-o na viagem de regresso a Regalia. Gregor devia estar a preparar-se. Ele sabia que tinha de lutar.

Naquele momento, porém, sentia-se paralisado, como se parte dele também se houvesse tornado pedra. Lembrou-se de algo que vira numa visita de estudo que fizera aos Cloisters, em Nova Iorque, um velho museu repleto de objetos medievais. Uma sala continha túmulos. Por cima de cada um havia uma imagem em tamanho real da pessoa morta gravada em pedra. Havia uma figura — teria sido um cavaleiro? — com as mãos entrelaçadas sobre o punho da sua espada. Na verdade, estava deitada quase na mesma posição em que Gregor se encontrava naquele momento. «Sou eu», pensou. «Aquele sou eu. Transformei-me em pedra e estou como que morto.» Como era perfeita a coincidência de Sandwich ter gravado «A Profecia do Tempo» mesmo no meio do teto e de Gregor estar deitado precisamente daquela maneira para a ler. Como era perfeito o facto de a espada sob as mãos de Gregor ter pertencido em tempos a Sandwich e estar pronta para realizar as suas visões. Como era perfeito e horrível tudo aquilo.

A porta abriu-se devagar e passos aproximaram-se dele.

— Gregor? Como estás? — perguntou Vikus. A voz do velhote parecia tão cansada como Gregor. Provavelmente, Vikus também não dormira muito. Como chefe do conselho de Regalia, estava sobrecarregado com trabalho.

A mulher, Solovet, que estivera à frente do exército regaliano até recentemente, estava prestes a ser julgada por ter ordenado investigações que produzissem uma peste, e Luxa, a neta, corria perigos terríveis nas Terras de Fogo. Não, Vikus não podia ter descansado muito.

— Eu? Estou bem — afirmou Gregor, calmamente.
— Nunca estive melhor.

— Que pensas da «Profecia do Tempo»? — perguntou Vikus.

— Fica na memória — respondeu Gregor, levantando-se lenta e penosamente. Magoara o joelho na última viagem.

— Entrei para te lembrar de que as profecias de Sandwich podem ser mal interpretadas — explicou Vikus.

Gregor tirou a espada do cinto e bateu no verso sobre a sua morte com a ponta da lâmina.

— Isto? Acha que isto pode ser mal interpretado?

Vikus hesitou.

— Possivelmente.

— Bem, parece-me bastante claro — declarou Gregor.

— Acredita, Gregor, se houvesse uma maneira de eu poder tomar o teu lugar, de cumprir eu próprio essa profecia... Fá-lo-ia sem hesitar... — Os olhos de Vikus encheram-se de lágrimas.

Apesar da sua situação, Gregor sentia pena de Vikus. A sua vida também não lhe fora muito generosa.

— Eu já podia ter morrido cinquenta vezes aqui em baixo. É um milagre ter sobrevivido. — Se Vikus estava tão perturbado, como iria reagir a família de Gregor? Nem queria saber. — Só não fale disto à minha mãe. Nem ao meu pai. Ninguém na minha família pode saber. Está bem?

Vikus aquiesceu, acenando com a cabeça.

Quando Gregor voltou a guardar a espada no cinto, Vikus estendeu-lhe a mão. Gregor tapou instintivamente o punho.

— É minha. Deu-ma — afirmou, bruscamente. Em tão pouco tempo, tornara-se possessivo, ciumento até, relativamente à sua arma.

O rosto de Vikus registou surpresa, depois preocupação.

— Não tinha qualquer intenção de ta tirar, Gregor. Só que debes usar a espada assim. — Agarrou na mão de Gregor e torceu o punho da espada. — Neste ângulo, evitas ferir a perna.

— Obrigado pela dica — disse Gregor. — Bem, é melhor ir tirar isto da pele. — Apesar de se ter lavado o melhor que pôde na nascente do rochedo, a cinza vulcânica continuava a corroer-lhe a pele.

— Passa pelo hospital. Eles têm uma pomada para isso — aconselhou Vikus.

Gregor dirigiu-se para porta, mas Vikus deteve-o com a voz.

— Gregor, já demonstraste uma extraordinária capacidade para matar, mas há um ano recusaste-te a sequer tocar nessa arma. Lembra-te de que mesmo na guerra há um momento para o autodomínio. Um momento para guardar a tua espada. Prometes fazer isso?

— Não sei — respondeu Gregor. Sentia-se demasiado cansado para fazer promessas nobres. Geralmente, sobretudo depois de começar a lutar, não conseguia controlar-se. — Não sei o que farei, Vikus. — Percebendo que a resposta era insuficiente, acrescentou: — Posso tentar. — Gregor saiu rapidamente da sala para evitar mais discussões sobre o que poderia ou não fazer.

No hospital, mandaram-no mergulhar imediatamente numa banheira com uma mistura borbulhante de ervas destinada a remover-lhe a cinza da pele. Quando o vapor da mistura lhe encheu os pulmões, começou a tossir e a expelir muita da porcaria que inalara nos últimos dias. Foram precisos não um, mas três banhos para convencer os médicos de que estava livre da cinza, por dentro e por fora. Depois cobriram-lhe a pele com uma loção de aroma agradável. Quando terminaram, Gregor já mal conseguia abrir os olhos. Bebeu um caldo de carne de uma tigela que lhe levaram aos lábios. Engoliu também um remédio qualquer. Depois, a fadiga começou a dominá-lo. Gregor agarrou a manga da camisa do médico mais próximo.

— Tenho de ir lutar!

— Não nesse estado — objetou o médico. — Mas não te preocupes. As guerras não são fugazes. Quando acordares, haverá ainda muitas batalhas.

— Não, eu... — insistiu Gregor, mas algures dentro de si sabia que o médico tinha razão. A manga da camisa escorregou-lhe da mão, e ele cedeu ao sono.

Quando voltou a abrir os olhos, Gregor precisou de um minuto para perceber onde estava. O quarto do hospital parecia muito limpo e bem iluminado depois de todos aqueles dias de viagem. Ainda ensonado, examinou o corpo. A pele absorvera a loção e estava acalmada e fresca. O joelho, que ferira ao cair de uma rocha, fora ligado e doía-lhe menos. Alguém lhe aparara as unhas lascadas e lhe vestira roupa limpa.

De repente, sentou-se muito direito, com a mão direita agarrando o espaço vazio na anca esquerda. A sua espada! Onde estava a espada? Viu-a quase imediatamente,

encostada a um canto do quarto, com o cinto suspenso da mesma. Não o teriam deitado na cama com a espada, obviamente. Isso teria sido perigoso. E ninguém a roubara. Ainda assim, mesmo os três metros que o separavam da arma deixavam-no inquieto. Não gostava de estar longe dela.

Gregor rodava as pernas hirtas para o chão para ir buscar a espada quando uma enfermeira com um tabuleiro de comida entrou no quarto e o mandou meter-se novamente na cama. Ele não queria discutir com ela, por isso obedeceu. Porém, depois de ela sair, empurrou o tabuleiro para os lençóis, foi buscar a espada e encostou-a mesmo ao lado da cama. Assim já podia comer.

A comida fora escassa nos últimos dias da viagem. Algum peixe, alguns cogumelos. Estava com tanta fome que ignorou os talheres, pegou na comida com as mãos e meteu-a na boca. A refeição insípida — pão, guisado de peixe e pudim — soube-lhe maravilhosamente, e comeu tudo. Estava a limpar a tigela do pudim com o dedo, tentando extrair o último bocado, quando o seu velho amigo Mareth entrou no quarto.

— Podes repetir — afirmou o soldado, com um sorriso. Depois gritou para o corredor, pedindo para trazerem mais comida a Gregor, e coxeou para uma cadeira ao lado da cama. Gregor notou que ele se deslocava muito melhor com a perna protética, mas que ainda precisava da ajuda de uma bengala. — Dormiste um dia inteiro. Como te sentes? — perguntou Mareth a Gregor, lançando-lhe um olhar expressivo.

— Bem — respondeu Gregor. Não sofrera ferimentos graves na viagem. Mareth não precisava de se mostrar tão preocupado. Depois, Gregor percebeu que o amigo

se referia à profecia que previa a morte do guerreiro. — Ah, queres dizer... — O medo começou a infiltrar-se-lhe no cérebro. Ele afastou-o, incapaz ainda de o enfrentar. — Estou bem, Mareth.

Mareth apertou-lhe o ombro, mas não insistiu. Gregor ficou contente por não ser obrigado a ter uma grande conversa sobre o assunto.

— Como estão a Boots e o Hazard e toda a gente?

— Bem. Estão bem. Já lhes removeram a cinza toda. O Hazard tem de ficar acamado até a ferida na cabeça sarar completamente, mas o treino médico do Howard compensou. Ele suturou muito bem a ferida — informou Mareth.

No entanto, os outros amigos de Gregor não estavam em segurança nem a ser tratados no hospital. Howard e o seu morcego, Nike. Luxa e o seu morcego, Aurora. Ripred. Todos lutavam para libertar os ratinhos que continuavam nas Terras de Fogo.

— Tiveram alguma notícia deles? — perguntou Gregor.

— Nenhuma — disse Mareth. — Foram enviadas duas divisões de soldados para os ajudar. Esperamos ter notícias em breve, mas os nossos canais de comunicação normais estão um pouco desorganizados, agora que a Luxa declarou a guerra.

Luxa...

Gregor revistou o bolso de trás das calças, mas este estava vazio. A sua roupa suja provavelmente fora destruída. Quase entrou em pânico.

— Eu tinha uma fotografia. No meu bolso...

Mareth tirou uma fotografia da mesa de cabeceira e entregou-lha.

— Esta?

Lá estavam eles. Luxa e Gregor. Dançando. Rindo-se. Fixos num dos poucos momentos verdadeiramente felizes que tinham partilhado. Apenas algumas semanas antes, na festa de aniversário de Hazard. Gregor meteu a fotografia no bolso da camisa.

— Obrigado.

Mareth também não o obrigou a explicar essa reação. Ainda bem, porque Gregor não sabia como traduzir em palavras o que começara a acontecer entre ele e Luxa. Como a difícil amizade entre ambos se estava a transformar numa relação completamente diferente.

— Os meus pais? — perguntou.

— O teu pai já foi informado do teu regresso. Enviámos um morcego à Sobreterra com a notícia assim que chegaste. Ele pediu-me para te dizer que a tua avó e a tua irmã Lizzie estão bem — informou Mareth. Depois fez uma pausa.

— E a minha mãe? — instou Gregor.

— Ela teve uma recaída — respondeu Mareth.

— Quer dizer que a peste voltou? — inquiriu Gregor, ansioso.

— Não, não. É uma infeção nos pulmões — esclareceu Mareth. — Ela vai melhorar, mas a infeção enfraqueceu-a bastante.

Aquilo não era bom. Acontecesse o que acontecesse, Gregor tinha de a levar para casa. Se ele tivesse de morrer, morreria, mas isso só tornava mais urgente a necessidade de a mãe e de Boots regressarem em segurança a Nova Iorque. Os pais, a avó e as irmãs precisavam uns dos outros.

A enfermeira trouxe outra dose de pudim e saiu, mas Gregor perdera a fome. Remexeu no pudim com a colher.

— Onde estão os ratos agora? Os que eu e o Ares vimos a dirigir-se para Regalia quando regressámos? — perguntou Gregor. — Já atacaram a cidade?

— Não. Os ratos voltaram para as Terras de Fogo quando viram as nossas tropas a sobrevoá-los — respondeu Mareth.

— O quê? — indagou Gregor, surpreendido.

— Tenho a certeza de que pretendem reforçar as defesas do Bane — aventou Mareth.

— Quer dizer que... não há ninguém aqui para combater? — De repente, tornou-se tudo bastante claro. Ele já concluía aquela fase da sua missão. Trouxera as crianças e os feridos de volta para Regalia. Já lera «A Profecia do Tempo» e, principalmente, já se apoderara da espada de Sandwich. O passo seguinte, presumira, teria sido ajudar a defender Regalia de um grande ataque dos ratos, mas não havia qualquer ataque a Regalia.

— Isso é mau — resmungou. Um exército de ratos junto às muralhas de uma cidade bem fortificada era assustador, mas um exército de ratos atacando em campo aberto era muito pior. Então que estava ele ali a fazer, deitado na cama a empanturrar-se com pudim, enquanto os amigos combatiam nas Terras de Fogo?

Gregor empurrou o tabuleiro das pernas tão depressa que as tigelas caíram no chão. Saltou da cama e pegou no cinto da espada.

— Que estás a fazer? — perguntou Mareth.

— Vou voltar — declarou Gregor. — Vou voltar para combater aqueles ratos.